



POBRES·SERVOS
DA·DIVINA
PROVIDÊNCIA



“Dessa maneira todos saberão que vós sois meus discípulos”

A comunhão na Bíblia

Premissa

A condição humana é marcada por duas tendências contrapostas: a unificação e a autoafirmação em autonomia e originalidade. Nos diferentes períodos históricos, estas duas tendências foram acentuadas segundo um movimento pendular. Ao que parece é o segundo a prevalecer atualmente. Esta afirmação se baseia nos seguintes fenômenos: a) ênfase na liberdade como independência e possibilidade de autorrealização do indivíduo sem obstáculos; b) medo de ser igualado aos demais; c) consciência da dignidade da pessoa, na dependência da qual se pensa que seja possível oferecer uma contribuição original à sociedade (em um contexto de caráter eclesial, se fala de carismas e se reivindica o "direito de primogenitura"); d) fácil identificação entre as próprias necessidades (imediatas) e os próprios direitos.

Mesmo com a consciência do risco de alguma simplificação, deve-se admitir que esses fenômenos agudizam as distâncias entre as pessoas as quais, quase reagindo às formas de massa, se defendem dos outros erguendo barreiras. Um sinal disso seria o fenômeno social da defesa do próprio indivíduo contra a "globalização". Pareceria que estamos vivendo uma espécie de contradição: por um lado, estilos e comportamentos são reproduzidos em todos os lugares, por outro, procura-se afirmar aquilo que é próprio (como se pode verificar no âmbito da vida civil a defesa da própria cultura; no contexto da vida eclesial a afirmação da originalidade individual [as igrejas locais]; no contexto da vida religiosa, a busca do carisma original).

O sentido do uso da Bíblia para adquirir antídotos

A Bíblia continua sendo uma referência indispensável que ajuda os cristãos a aprenderem a viver e introduzir no mundo antídotos às tendências mortificantes à pessoa. Se se quer crer no que afirma 1Jo 1,1-3, o objetivo dos cristãos é criar comunhão, pois esses aprenderam da própria ação de Deus em Jesus Cristo. Se o NT usa o termo koinonia, que significa participação - agrupamento - e, portanto, comunhão, significa que a experiência das primeiras gerações cristãs era percebida como a criação-comunicação de vínculos, em um mundo marcado por divisões. O local dessa experiência foi / é a comunidade.

Quando se lê os textos do NT relacionados à comunidade, deve-se levar em consideração o risco de sobrecarregar de significado a comunidade cristã, a ponto de torná-la um lugar imaginário; por outro lado, há também a tentação de desmitologizá-la a ponto de fazê-la



POBRES·SERVOS
DA·DIVINA
PROVIDÊNCIA



perder qualquer valor e, deste modo, privá-la de um objetivo possível. A experiência demonstra que não se deve haver ilusões quanto à vida comunitária; essa será sempre difícil, sendo, deste modo, um desafio permanente: o desejo e os esforços para vivê-la colidem sempre com o instinto de conservação que nos impede de alcançar uma vida comunitária 'satisfatória'. Diante dessa observação, duas atitudes podem surgir e que se refletem entre elas: denunciar com veemência o "egoísmo" como contrário à vontade do Senhor; declarar a impossibilidade da vida comunitária e, em seguida, resignar-se depressivamente ao dado de fato, considerando como utópica qualquer imagem que vá contra ela. Ambas as atitudes parecem encontrar bastante aceitação, em particular nas circunstâncias atuais, marcadas por tendências "soberanistas".

Será necessário proceder a partir da perspectiva de uma esperança fundada. É justamente isso que gostaríamos de fazer nesta breve intervenção. E o faremos deixando-nos guiar por alguns textos das Escrituras lidos a partir do contexto atual. São textos que dizem respeito à comunidade cristã de modo geral (a Igreja), mas que também podem ajudar na reflexão sobre os estilos de comunidades menores.

Ponto de referência fundamental

A experiência das primeiras comunidades cristãs primitivas é descrita nos resumos de Atos 2, 42-48; 4, 32-35, os quais devem ser lidos com 'realismo', sem qualquer romancismo. Frente aos dois textos de Atos podem surgir duas atitudes. Por um lado, assumi-los como indicativos de uma meta a ser alcançada e, por outro, como a apresentação de uma utopia que não leva em consideração a condição dos crentes. Para justificar estas duas atitudes opostas, poder-se-ia recorrer a alguns episódios históricos: as pequenas comunidades que "se isolaram" do resto da Igreja e da sociedade; a aceitação de uma Igreja de pecadores sem pretensões de perfeição. Ambas as atitudes pecam e carecem de consciência crítica. De fato, não se pode reunir história e texto normativo. No primeiro caso, porque se toma o texto como um paradigma absoluto. No segundo, porque se acredita que a história seja o único parâmetro para avaliação das possibilidades. Contudo, os dois textos, dada a sua localização, querem indicar ao mesmo tempo uma possibilidade e um estímulo na busca de caminhos. Portanto, nem utopismo nem ceticismo.

A colocação de textos como uma indicação de seu significado

O primeiro é colocado como um resumo, quase como o resultado do evento de Pentecostes, para dizer que a ação do Espírito que suscitou a pregação apostólica alcança



POBRES·SERVOS
DA·DIVINA
PROVIDÊNCIA



sua visibilidade para além dessa, na vida da comunidade que se reuniu graças a àquela; o segundo depois de um novo Pentecostes (4:31). Nota-se, portanto, uma convergência: o princípio da vida comunitária, descrito brevemente, não consiste no desejo de unir-se, mas no poder do Espírito que a reúne. Este, porém, atua por meio da pregação dos apóstolos. E não é por acaso: nele o evento Jesus se faz presente, em particular na ressurreição (ver 4.33; 2.36). A união de crentes tem, portanto, um fundamento transcendente. E Lucas quer antes de tudo mostrar que na pequena comunidade começa a unidade de toda a humanidade já simbolicamente antecipada na escolha dos doze por Jesus, o que sugere que a vida comunitária é antes de tudo um dom do Espírito, como é dom do Espírito a pregação apostólica. A esse respeito, At 2,42 merece atenção, pois resume a dinâmica da vida da comunidade em torno de quatro elementos, três dos quais pertencem à "raiz" da vida eclesial: o ensinamento dos apóstolos, a fração de pão e a oração. Os quatro são introduzidos pelo participio presente *proskarterountes* (retomado no v. 46), que significa frequência assídua, dedicação constante a algo determinado; não se trata de ações passageiras, mas permanentes: o Espírito modelou as pessoas mencionadas no v. 41 de forma permanente, e este se torna o parâmetro da comunidade cristã. Os quatro elementos em grego estão conectados de modo diverso: o ensinamento dos apóstolos aparece como fundamento (se quer assim conectar o v. 42 com a pregação de Pedro [ver também nesse sentido o *de* que se liga ao *men* do v. 41] quer indica que a comunidade cristã não pode existir sem a retomada do testemunho autorizado, que tem como principal objeto a ressurreição de Jesus: conforme também v. 4, 33); a koinonia e a fração do pão estão juntas para significar o elo existente entre eles: a koinonia se manifesta e se apoia na Eucaristia (pode-se ver aqui uma relação com 1 Cor 11: 17-22; ver também v. 45); finalmente, a oração que está vinculada com um *kai* para afirmar que se trata de um novo elemento, que será então especificado no v. 46 com referência ao templo (uma vez que retorna várias vezes aos primeiros capítulos de At.).

Os quatro elementos indicam que na comunidade cristã está presente de forma mediada o poder da ação salvadora de Jesus Cristo. Este é o significado dos dois resumos lucanos: a humanidade não é a mesma de antes; tem início, assim, a manifestação da nova humanidade da qual Jesus é o princípio (genealogia de Lc 3,23-38). O relato de Pentecostes, que contrasta com Gn 11: 1-9, termina com a descrição da humanidade simbolicamente reunida na comunidade cristã. Não é mais uma questão de possibilidade histórica baseada em esforços humanos - eles estão destinados ao fracasso - como já mostrado em Gn 11: 1-9; é antes uma experiência salvífica que tem incidência na história, capaz de despertar a estima (*charis*) de todo o povo (2,47; cf. 4,33). Não importa se sempre e em toda parte essa imagem ideal da comunidade cristã é realizada; basta observar uma única vez para que renasça a esperança de sua possibilidade, fundada na ação do Espírito. Frente a essa afirmação, o ceticismo que se baseia na experiência não pode encontrar



POBRES·SERVOS
DA·DIVINA
PROVIDÊNCIA



espaço. Negar a possibilidade de uma verdadeira comunidade equivaleria negar o poder transformador do Espírito.

Os caminhos para alcançar a realização da comunidade

Com a indicação dos quatro elementos, Lucas também sugere quais são as etapas para a edificação da comunidade. Em primeiro lugar, o ensinamento dos apóstolos. Este remonta ao evento original e, como tal, se constitui um princípio unificador e não o resultado da convergência de opiniões (isso acabaria por produzir uma unidade convencional muito frágil), mas de uma verdade que é dada a qual exige a acolhida de todos. Tal verdade impede que a unidade seja imposta: ninguém pode constituir o princípio último da unidade, exceto o evento anunciado. A esse respeito, deve-se recordar quanto está afirmado na *Lumen Gentium* sobre o papa e os bispos: em ambos os casos, se usa a expressão "princípio e fundamento visíveis" (n. 23). O fato de colocar o ensinamento dos apóstolos como princípio de unidade indica que os crentes estão unidos em virtude da fé e não por outros motivos, sejam eles políticos ou organizacionais. A este respeito podemos lembrar o que foi escrito no documento pastoral *Comunhão de Comunidade* da década de 1980. Ao se referir à paróquia, o documento afirma que não se deveria jamais exigir dos fiéis outro tipo de filiação a não ser aquela que nasce da fé em Jesus Cristo. À luz da fé se poderá avaliar as razões pelas quais surgem divisões nas comunidades cristãs e examinar se não são razões que vão além da fé. A unidade da comunidade cristã não exige unanimidade sobre tudo: a comunidade cristã não é uma seita na qual, seja pela adesão ao líder seja pela compacidade defensiva, todos assumem a mesma linguagem, o mesmo estilo, a mesma opção política, construindo barreiras impenetráveis para aqueles que não se adaptam. Pode-se entender a dinâmica psicológica típica dos grupos sociais, da qual as comunidades cristãs não estão isentas, mas deve-se também, precisamente em nome de uma unidade superior, romper essas dinâmicas que de fato excluem os 'recém-chegados'.

O que teria sido da Igreja primitiva se ela tivesse mantido o espírito sectário desejado por alguns? Lucas, provavelmente não teria escrito o v. 47b do cap. 2 de At. Em segundo lugar, a ajuda mútua: nos dois textos, se vê com admiração o fato de ninguém passava necessidade, pois a koinonia, termo que significa participação, era uma prática da comunidade. Note-se que não se trata de uma norma estabelecida, mas uma moção que brota da ação do Espírito. A necessidade de cada um é atendida e ninguém passa necessidade. E por mais que a referência pareça aludir a bens materiais, deve-se ler seu caráter simbólico: servem para sustentar a vida e, portanto, refere-se a tudo aquilo que é necessário para nos fazer sentir vivos.



POBRES·SERVOS
DA·DIVINA
PROVIDÊNCIA



A ajuda mútua não é apenas uma expressão da comunhão, mas também a cria e promove: é preciso levar em conta que são as ações que moldam as pessoas e os grupos sociais. A ajuda recíproca, o compartilhamento dos bens, constrói a comunidade. Terceiro, a Eucaristia (chamada fração do pão para destacar a importância de um gesto próprio do chefe da família e realizado por Jesus na última ceia). O valor unificante da ceia do Senhor funda-se no fato de que essa é um memorial de reconciliação (conforme relata este respeito 2Cor 5,19; Jo 11,52; 12,32): a nova humanidade reunida da dispersão se forma na celebração da morte e ressurreição de Jesus. A assiduidade à fração do pão tem como sentido a superação das forças insidiosas da divisão sempre à espreita, e a tomada de consciência de que o fundamento da unidade está no ato radical de Jesus que doa a própria vida pelos irmãos. Por fim, a oração. Como foi dito acima, pareceria tratar-se da oração no templo, onde os crentes demonstram "um único sentimento" (*homothymadon*) (2,46). O conteúdo desta oração não é indicado, mas pode-se supor que se trate da oração habitual da liturgia judaica: esta também serve para moldar a comunidade, a qual se percebe em continuidade com a tradição da qual provém, quase a eflorescência final de um caminho. O resultado final é o clima de louvor no qual tudo acontece: a vida em comunidade não é um combate, mas uma experiência libertadora que deve levar as pessoas ao louvor (2,47).

Comunhão da Eucaristia

1Cor 10,14-22 coloca em evidência a importância e as implicações da celebração da Eucaristia. Isso ocorre, sobretudo, pelo fato de Paulo propor que se supere a divisão entre fortes e fracos; contudo, a razão principal está no reconhecimento de que a participação na Eucaristia faz fluir em cada membro a mesma vida de Cristo, formando de todos os crentes um único corpo. É justamente nesta segunda razão que se baseia a primeira: quando se pertence ao mesmo corpo em virtude da mesma comunhão na Eucaristia, não será mais possível erguer cercas, nem mesmo aquelas da diferença de maturidade na fé. Do mesmo modo, os 'fortes' deveriam ter em mente a lição transmitida pelas Escrituras: aqueles que viveram a experiência do êxodo não entraram na terra prometida. Portanto, não se deve ter nenhuma presunção no que se refere a si mesmo. Antes, é preciso procurar viver na unidade que deriva da participação no mesmo pão, que é aquele que o próprio Cristo originou.

A passagem do corpo eucarístico de Cristo ao corpo eclesial encontra sua expressão mais evidente no capítulo 10,17 de 1Cor. Nesta perspectiva, pode-se recuperar o significado da fórmula "a Eucaristia faz a Igreja" com a especificação "corpo de Cristo". Esta não é uma especificação de detalhe. De fato, a metáfora, que em 1Cor 12 quer simplesmente significar a articulação entre os diferentes fiéis com seus dons, assume aqui um valor que será desenvolvido posteriormente em Ef e Col: na comunidade que permanece unida, o



POBRES·SERVOS
DA·DIVINA
PROVIDÊNCIA



próprio Senhor se torna visível. Pode-se deduzir, deste modo, que a união com o Senhor comporta a união com seu corpo, e vice-versa. Assim, se se mantém a comunhão com o maligno se rompe não apenas a comunhão com o Senhor, mas também com o seu corpo. Isso significa que quem participa da mesa do Senhor não pode tornar-se idólatra (10,14).

Deve-se ter em conta que a função do culto é a busca da vida; já a idolatria é a busca da vida fora da comunhão com o Senhor, estabelecendo assim uma contradição: por um lado, se participa da mesa eucarística, por outro, se declara que esta não basta para dar vitalidade; isso constitui um desafio com relação ao Senhor: afinal, se declara que não se confia no que ele pode dar. No entanto, é ele que dá seu próprio corpo e seu sangue, o que dizer: que deu sua vida para que nós pudéssemos ter vida.

O resultado é uma verificação do que realmente produz vida seja nos membros da comunidade seja nos relacionamentos entre eles. Se, no primeiro caso, a verificação deve ser realizada a nível pessoal, no segundo, a nível comunitário. De fato, pode-se ver que, além das declarações e da boa vontade, se busca vitalidade em outro lugar e não na Eucaristia: seria suficiente reconhecer onde se funda a percepção de estar 'vivo' e, ao mesmo tempo, o que de concreto se produz na existência, a participação na mesa do Senhor. Talvez seja possível concluir que, além das declarações estrondosas, a relação entre a Eucaristia e a vida não é suficientemente forte. No que diz respeito à verificação da comunhão na comunidade, não se pode esquecer que Paulo, nos primeiros capítulos de 1Cor, se refere à unidade fundada na cruz. Esse é um tema caro ao epistolário paulino: basta lembrar Ef 2. Se 1Cor 10, 14-22 se refere ao fundamento eucarístico da comunhão, não se afasta da visão que acabamos de mencionar: unidade da cruz e unidade da Eucaristia estão em continuidade, pois a Eucaristia é comunhão com o mesmo corpo e o sangue de Cristo entregues na cruz. A verificação, portanto, implica a relação entre a participação comum na mesa do Senhor e os laços baseados na dedicação, a única que é a transparência da dedicação do Senhor e que edifica seu próprio corpo: torna a comunidade visibilidade histórica do Senhor. Não é difícil aqui referir-se a Jo 6,56, lido juntamente com Jo 15, 1-17, onde há uma vinculação entre a recíproca 'imanência' de Jesus com os discípulos e a observância do mandamento do amor: aqueles vivem da vida de Cristo graças à participação na Eucaristia, não podem senão por em prática sua própria dedicação.

Nesta perspectiva, entendemos também até onde pode nos levar o Espírito que está na origem da comunidade: ser um sinal de comunhão, isto é, o modo verdadeiro de desempenhar a missão: assim, retornamos a 1Jo 1,1-3.

don Giacomo Canobbio